

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. V TEATRO VIMARANENSE.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1936 | Número: 46

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. V Teatro Vimaranesense. *Revista de Guimarães*, 46 (3-4) Jul.-Dez. 1936, p. 231-252

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

V

Teatro Vimaranesense

(Com a publicação das singelas notas que abaixo seguem desalinhadamente, prestamos a nossa modesta homenagem no IV centenário da representação da última peça de Gil Vicente, vimaranense glorioso e Criador do Teatro Português, teatro da melhor seiva e mais apurada gema, cheio de tradições nacionais, de costumes populares e de frescura colorida na flagrante realidade das suas figuras).

As representações nos sobrados públicos:

No seio aconchegado dèste bêrço de nobilísimos feitos tradicionais, e naqueles tempos aferrados ao serão caseiro das mulheres e ao cioso brio das gentes morgadas e titulares, tempos de galhardos torneios e acesas paixões idealistas, que ficam para além de alguns carros de anos, o teatro acomodou-se lentamente, e lá se foi amarrando às necessidades comezinhas do meio, dentro da feição geral da época.

Seguiu nem mais nem menos as tendências estabelecidas pelo uso freqüente, girando nas mesmas regras representativas e na mesma capacidade scénica, quer sob o ponto de vista dos lugares onde as exhibições se realizavam, quer sob o aspecto técnico da rudimentar encenação.

No geral o povo alimentava os quadros da representação, ou por outra, era um apaixonado valor dentro do desempenho daquelas peças que a influência dos dirigentes espirituais aconselhava.

A onda dos espectadores era sempre mais caudalosa da banda do povo, porque os espectáculos eram realizados nas praças públicas, e as peças eram de tese simples, feitas muito para o agrado das multidões, e segundo os moldes correntes da vida e hábitos costumeiros dessa onda expansiva de mirones festejadores e grilhentos.

O povo não gostava de peças cerimoniais nem de coacções de posturas ou de meirinhos. Gostava de ser rasgado no riso e na troça, naquelas comédias cheias de peripécias e trocadilhos picarescos, e gostava de se manifestar em aberta simpatia, nas peças do seu ardor e do seu fraco, cheias de graça e de pormenores bem esclarecidos, que lhe falassem à alma crente, nos Passos da Paixão, ou à sensibilidade, nos costumes cotieiros e tradicionais da sua casta, ou na miragem ressuscitada das suas lendas de maravilha.

E tínhamos povo, se por vezes as sentinelas do escrúpulo e das conveniências sociais, apareciam para sustar ou proibir qualquer representação scénica de festivo programa... Logo a onda popular se encrespava e por além fazia seguir, mesmo sob o pêso de tôdas as censuras e excomunhões, a observância tradicional, prèviamente anunciada por gaiteiros, tamboreiros e charamelas.

No primitivo desabrochar da criação scénica, quási todo o carácter representativo e de efeito das diversões foi puxado, muito intensamente, por um elegante escol de escritores, para o lado mais puro da sentimentalidade e na viveza das manifestações culturais.

Assim, por tôda a parte, os autos e entremezes de litúrgica fantasia se representavam nas igrejas, depois nos claustros e por fim nos adros.

A tradição religiosa e as lendas pastoris foram o alento inicial que amparou e revigorou o teatro popular.

Nos romances e nos cantos do povo, nas scenas campesinas e no lidairar afanoso da lavoira, nas crenças supersticiosas e nos aspectos do mais flagrante movimento de vida pública se inspiraram, e directamente, muitos cultores do teatro.

Em tôdas as festas mais nobres, mais ricas, mais

tradicionais, pelo Espírito Santo, pelo Corpo de Deus, etc., pelas festas de regosijo Nacional ou festas sole-
nes de Régia data, as representações das comédias
e óperas faziam-se em tabladros erguidos nas praças
públicas das cidades e vilas.

Freqüentemente, nos adros das igrejas paroquiais,
por ocasião das festas dos seus oragos, nas noites do
Natal e dos Reis e pela Páscoa e nas vigílias de alguns
santos, também se representavam, com aplauso fervo-
roso, os entremezes e as loas da mais engenhosa
anunciação litúrgica.

Em roda dos presépios desempenhavam-se as
loas, que eram sempre composições musicadas e can-
tadas, muito vulgares igualmente nas romagens chama-
das Círios.

E de um modo geral, todos os dramas da *paixão
e nascimento de Jesus* tiveram a sua aura de sucesso
representativo. Estas parcelas do mistério divino fo-
ram as que mais amorosidade verteram no coração
do povo, foram as que mais fundas raízes deitaram na
popularidade de tôda a Europa latina, crente e espiri-
tualizada pelas regras e mandamentos interpretativos
da História Sagrada, que fielmente respeitava e seguia.

Por tôda a parte, em tôdas as igrejas e adros, em
muitas feiras e arraiais, em muitos conventos e reco-
lhimentos se representaram, cantaram e bailaram autos
e loas, vilhancicos e entremezes, óperas e comédias.

Com grande levedez de agrado e de progresso se
criou o teatro de fundo cunho hierático, primitiva-
mente representado pelas confrarias e irmandades,
e que se desenvolveu debaixo da influência das prédi-
cas respeitosas, acompanhando os passos litúrgicos e
aproveitando as moralidades cristãs.

Estes dramas eram representados, como já disse-
mos, por ocasião das festas religiosas ou das procissões
mais espectaculosas, de figurado simbólico e carros de
alegoria sacra, as quais eram alegre e bizarramente
acompanhadas pelas músicas de pífaros, gaitas de fo-
les, tamborileiros ou clarins, e pelas danças e folias
mais características e de figuração tradicional, segundo
as radículas da época, ou atinentes ao costume de
crença regional, segundo o amor à velha usança
dos avós.

O povo, levado ao exagêro, não por mal, mas pela sua ignorância, acarretada de loucura entusiástica e entumescida, nos momentos da sua liberdade folgazã, foi, nuns alaridos de graça bulhenta de Carnaval, popularizando demasiado as suas representações, e então o escrúpulo da escolha e o comedido das composturas encenadas ultrapassaram aquela linha indispensável de aprumo, que era o fiel do respeito nos locais de que fazia uso para os seus divertimentos favoritos.

E por isso, e talvez por mais, tôdas as Constituições do episcopado português principiaram a banir da liturgia as representações populares nas igrejas.

«Que se não coma, nem beba, nem baile, nem dance, nem tanja, nem cante cantigas profanas dentro das igrejas.

Outro-sim que se não façam autos nem representações nas igrejas, nem ermidas, nem nas procissões, pôsto que sejam mistérios de Santos e de matérias devotas, sem licença do Provisor ou Vigários.

Que se não corram touros nos adros das igrejas, nem neles se joguem canas, nem se corra argolinha, nem jogos semelhantes» (1).

Assim determinavam as Constituições de Braga.

As do Bispado de Coimbra proíbiam as representações nas igrejas e costumes das figurações scénicas, proibindo também os autos, comédias e farsas, ainda mesmo que fôsem representações pias de histórias de Santos.

E nesta ordem determinativa e pela mesma regra de despacho falavam as demais Constituições dos Bispados de Evora, Lisboa, Lamego, Pôrto, Miranda, etc.

E as proibições iam mais longe. O cêrco estendia-se por tôdas as paróquias em marés da visitação dos Prelados, visto que o povo se tornava irreverente e pouco respeitador das ordens superiores.

Numa visita à Colegiada de Guimarães, feita por D. João de Sousa, em Junho de 1729, proíbe-se «que em nenhum tempo entrassem pessoas mascaradas

(1) *Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga* (1639), pág. 329 a 331.

em qualquer traje, e fizessem danças e bailes dentro da igreja, pela irreverência que se fazia assim na casa da oração, e templo sagrado dedicado a Deus nosso P.» (1).

Nas freguesias de Ronfe e Polvoreira as comédias eram representadas com grande aparato e frequentemente, numa manifestação de alacre regosijo, por ocasião das mais aparatosas solenidades.

«Fui informado que nesta freguesia se fazem algumas comédias profanas e desonestas de que pode resultar dano às consciências, pelo que mando que daqui em diante nenhuns officiaes de confrarias chamem comédias, nem os comediantes as representem, sem primeiro serem aprovadas pelo Senhor Ordinário...» (2).

«Consta-me q. os officiaes das confrarias desta igreja para as festas della costumão chamar paiancos (?) p.^a cantarem as missas e fazerem comedias, pello q. mando q. daqui em diante nenhum official das confrarias chame comediantes p.^a officiare a missa cantada nem menos fação comedia com penna de dez tostois a cada hum dos officiaes e o R.^{do} abb.^e sob penna de dous mil reis não consinta officiar-se a missa por paiancos (?) nem fazerem comedias em todo o distrito da sua freguesia» (3).

Aqueles abusos, porém, como noutro lugar já tivemos ocasião de dizer, eram a custo reprimidos, porque no espírito do povo se ligava às maravilhas a ideia do culto e o complemento aparelhado da festança, integrada no mesmo princípio de exibição processional.

Algumas óperas, bailes e comédias, mas sobretudo os *Autos da Paixão*, eram de certo modo tolerados depois de ouvidos os Prelados e Santo-Officio, e desde que se atendesse, como condição essencial, às regras duma cautelosa observância nos aglomerados da assistência e nas disposições scénicas, de efeitos

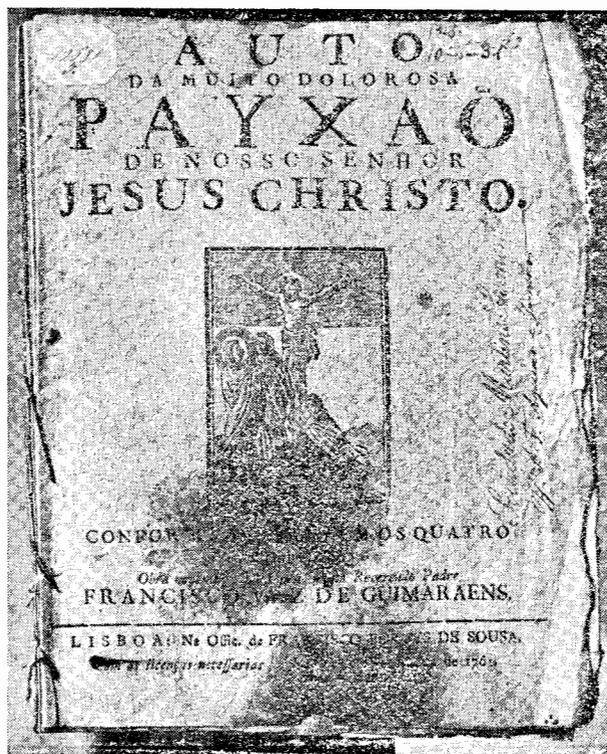
(1) *Curiosidades de Guimarães* — I, por Alberto V. Braga, página 52.

(2) *Do livro de visitas de Ronfe, que vai de 1615 a 1656.*

(3) *De uma visita de Polvoreira, de 1695.*

quantas vezes ridículos e hilariantes, por deficiências técnicas, ou pelos caprichos fantásticos de idealizações muito pessoais. Sobretudo os desempenhos deviam fazer-se de dia e decentemente.

O público de então tinha arraigada simpatia por estes espectáculos, de que gozava imenso, na espiri-



Auto da Paixão (Edição de 1761)

tualidade duma simbologia cristã, que só assim abarcava na realidade movimentada do figurado falante.

O povo divertia-se, por inclinação e disposição do seu temperamento, nado e criado ao alento chocoso duma vida essencialmente tradicional e supersticiosa, quer representando, quer vendo representar.

O auto hierático que mais vezes foi à scena entre nós, em Lisboa e em muitas outras terras do País, foi o do vimaranense Francisco Vaz, intitulado *Auto da muito dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo* (1).

Fêz carreira e entrou na singular estima do nosso povo, pela sua enternecida efabulação e ajustada tendência ao gosto e sabor das multidões anônimas. As edições sucederam-se e até foi conhecido no Oriente pela poética doçura do tema cristão.

«Apesar de tôdas as transformações do gosto literário, a velha forma do Auto hierático conservou-se desde o século XVI até hoje na simpatia do povo, vindo por uma consciente regressão às fontes tradicionais a reaparecer na época do romantismo como expressão nacional da literatura» (2).

Assim se explica a razão de terem sido constantemente representados, e em todos os tempos, até final do século XIX, pelo Minho e nas aldeias de Trás-os-Montes, os diversos Autos de enredos e passos mais ou menos cristãos, nos dias das grandes festas e das animadas romarias.

Tão vulgares eram essas exhibições, que no temperamento animoso do povo se foi alimentando a ideia da criação de grupos scénicos.

E o certo é que bastos se criaram. Muitos foram depois morrendo à mingua de recursos, à divina, e outros à bôca das gargalhadas e chufas dos assistentes mais *civilizados* e do público mais enxundioso.

Sobrevive, ainda, porém, o modelo desses grupos, a reliquia representativa do Norte, o verdadeiro

(1) Foi representada ainda há poucos anos em Miranda do Douro, como se vê da descrição feita no vol. *Jornadas de Portugal* (1918), de Antero de Figueiredo, pág. 147: «Dias depois, uma tarde, na aldeia Duas-Igrejas, onde ainda êste ano se representou "A muito dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus-Cristo," antiqüíssima, de Francisco Vaz; — uma tarde, reüni em volta de mim meia dúzia de rústicos actores que, na última Semana Santa, deixando sua lavoura, interpretaram êsse auto vicentino do século dezasseis, que meteu muita gente, quasi todos os homens (só homens) daquele pequeno povo sertanejo.»

(2) *Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro Nacional*, por Teófilo Braga, pág. 523.

reflexo do transcurso brilhante dos personagens e figurantes das representações de antigas eras — *O grupo dos Reiseiros da Maia*.

Nunca embarrou por nós a vaidade de fazermos aqui uma síntese histórica do teatro português, nem ao menos limitado escôrcço de qualquer modalidade do seu composto geral.

Era ir longe e contrair responsabilidade de pêso, que ombros pouco costeiros como os nossos não suportariam sem um derreio de estenderete.

Corremos, é certo, um pouco desataviadamente ao sabor de uma particularidade que de jeito fácil se vai unir, e sem delongas, ao alcatruzar progressivo das representações entre nós, desde os períodos mais remotos até os mais assinalados pelo afago duma civilização, que cresceu arrimada aos ensinamentos velhinhos do passado tradicional e respeitoso.

De maneira que as notas rebuscadas que vamos juntar aqui, de tôda a movimentada acção teatral que se operou na nossa terra, marcam um relêvo definido no campo da cultura local.

De algum modo por elas se avaliará das simpatias e do gôsto populares, que Guimarães bem cedo principiou a votar a tôdas as manifestações artísticas da cobiçada arte do palco.

Em afastados tempos, mais de três séculos já passantes, faziam-se festas riquíssimas, em amor e garrido brilho de adamascados enfeites, a Nossa Senhora da Oliveira, onde colaboravam, na melhor ordem e na devida guarda das suas posições, os nobres da terra, os mandões da governança, o Cabido, a clerezia e os mesteres.

De entre os variados e múltiplos fulgores das exhibições profanas, tinham o maior grau de destaque as representações em público das óperas e comédias.

Já em 1585 os documentos nos falam da construção de dous palanques em Guimarães, sendo um na Praça Maior, para a Câmara e Irmandade assistirem às comédias, e outro no Toural, para assistirem às touradas.

E é daqui por diante que começamos a ver desperto

e animado êsse progredimento scénico, que alegrava o público e enchia todos os programas festeiros.

As verbas de despesa exaradas nos livros da Câmara, e publicadas por João L. de Faria no «Comércio de Guimarães», vão dar-nos uma ideia das aparatosas representações feitas ao ar livre.

— 1621. Ao carpinteiro Miguel Dias, do teatro que fêz no Toural para as justiças e oficiais da Câmara assistirem à festa de S. Gualter, 400 réis.

— 1628. Da comédia que se fêz na praça, dia do Anjo, 97960 réis.

— 1641. Representou-se, depois da procissão de S. Gualter, uma comédia, no Domingo 31 de Julho, de tarde.

— 1645. De 6 panos de sêda, alugados para os palanques do Toural e da Praça de N. S.^a no tempo das festas, donde foram e assistiram os oficiais da Câmara e da Justiça a ver as festas e as comédias, 17440 réis.

— 1647. Do palanque que se fêz na Praça para a Câmara ver as comédias, armação e à mulher que chegou as cadeiras, 17840 réis.

— 1651. Com os palanques que se fizeram no Toural para as festas de Agôsto e com o da Praça para a comédia, 17000 réis.

— A 16-8-1654, estando a representar-se uma comédia em frente da Colegiada (fazia parte dos festejos em honra de N. S.^a da Oliveira) à qual assistiam o Corregedor e Juíz de Fora, armou-se uma briga de muitas espadas à vista dos mesmos, que durou meia hora...

— 1708. Despesa que se fêz com as festas da vinda da Sr.^a Rainha, além da procissão, em comédias, touros e encamisadas: Com 11 pares de sapatos para as figuras das comédias, 67480; com quem levou o carro da encamisada, 240; com pregos para o palanque das comédias, 160; com a pintura de 3 cabeças, 300; com as trompetas, 17080; com 3 pares de meias das C.^{as}, para homem, 27400; com 4 pares de meias de mulher, 17200; com 6 pares de luvas de mulher, 17440; em dinheiro ao rapaz de Amarante, 47800; com calções para o dito, 27100; em dinheiro ao rapaz de Margaride, 27400; com o aluguer da bêsta

que o trouxe, 240; em doces para os ensaios e dias das comédias, 27160; com os tambores, 17340; com os gaiteiros, 27160; com estopa e pintura do vestuário, 37000; com charamelas, 480; em cera de murraca e tochas, 17380; com o armador, 27940; com chaves, setas e mais gastos miúdos, 17380; com 5 pares de meias para homem, 37500; com o aluguer de uma bêsta que levou à terra e trouxe um contralto, 240; com o jornal de um carpinteiro a fazer o palanque nas comédias para os ministros e Câmara, 150 réis.

— 1710. Com o feitio do tabulado e pregos para as comédias, 380 réis.

— 1711. Carreto das cadeiras e escabelos para as comédias, 17400; com o tabulado das comédias, 37840 réis.

— 1718. Com o palanque das comédias para o Senado, 37720 réis.

— Quando do festejo público com que na nobilíssima vila de Guimarães se aplaudiram os desposórios do Príncipe do Brasil e da Infanta D. Maria Bárbara, Princesa das Astúrias, no mês de Fevereiro de 1728, representou-se uma Loa, em casa de Tadeu Luís António Lopes de Carvalho Camões e Fonseca, Senhor de Abadim e Negrelos, no Terreiro da Misericórdia (1), feita por um vimaranense, supomos.

«Para que a dilatada Lição de quatro discursos se não fizesse fastidiosa aos ouvintes, se alternaram com uma serenata e uma Loa, feita expressamente para aplauso dos dous Régios Consórcios; dividida em duas partes, a primeira composta pelo Dr. Manuel Lopes de Araújo e a segunda pelo Secretário Amaro José de Barros (2), e ambas ajustadas aos preceitos da

(1) Casa que hoje pertence à família do falecido Dr. Mota Prego, no Largo do Conselheiro João Franco.

(2) Este ilustre Secretário da Academia Vimaranense, que supomos seja filho de Guimarães, foi um ornamento de valor dentro dos torneios poéticos realizados diversas vezes nesta terra e no seio daquela instituição.

Nas partes 1.ª e 2.ª do *Guimaraens Agradecido* encontram-se muitas composições do seu fecundo engenho.

Aquele sobrenome de Barros está, porém, estropiado, por êrro, é evidente, de revisão, e assim passou e correu no já hoje

solfa pelos melhores compositores de Braga, a instâncias do Dr. António Filgueira de Lima, cônego da Sé daquela cidade e reitor do Seminário dela. As pessoas que foram interlocutores nestas duas Loas, eram os melhores músicos que se conhecem naqueles distritos e faziam as figuras da Fama, do Obséquio, da Vila de Guimarães e dos Coutos de Abadim e Negrelos, de que é Senhor o autor da festividade dêste dia. O discreto do verso, o sonoro das vozes e o ornato das figuras conseguiram infinitos aplausos a êste divertimento. Nos intervalos das diferentes scenas se distribuíram abundantemente por todos os circunstantes em confeiteiras, bandejas e salvas de prata, umas lavradas, outras não só lavradas mas sobredouradas, e de singular artifício, grande quantidade de doces de várias castas, e todos selectos, para o que havia o Senhor de Abadim tido a prevenção de mandar buscar a certos Mosteiros de Lisboa, Évora, Coimbra, Pôrto, Lamego e Ponte de Lima, os que a fama tem feito mais célebres e logram mais estimação na Côrte» (1).

— Em 23-7-1753, a Mesa de N. S.^a da Oliveira delibera «que por causa de se não poderem fazer os bailes, se podiam fazer três comédias das castelhanas, que fôsem de fábrica, e por assim se considerar nestas menos despesa, se assentou se ajustassem as tais comédias, para o que se mandou chamar o autor delas, e vindo a esta Mesa, nela se obrigou fazer 3 comédias,

raro folheto que descreve os grandes festejos da Academia, acima referidos.

Nos livros de oiro da sua querida Academia Vimaranesa, ou Problemática, *Guimaraens Agradecido* (1.^a e 2.^a partes) vem ao fundo de tôdas as suas composições: *Do Abbade de S. Faustino Amaro José de Passos Leite, Secretario da Academia.*

Não sofre pois dúvida de que aquele Amaro José de Barros é, na legitimidade do seu verdadeiro nome, Amaro José de Passos. Nem a Academia teve outro Secretário, nem pelas páginas dos vols. *Guimaraens Agradecido* corre outro nome que admita confusões.

(1) *GUIMARAENS FESTIVA OU RELAÇAM Do Festejo Publico Com Que Na Nobillissima Villa de Guimaraens se aplaudiram os Reaes Desposorios do Serenissimo Principe do Brasil nosso Senhor, e da Serenissima Senhora Infanta D. Maria Barbara Princesa de Asturias No mez de Fevereiro deste anno de 1728, por Joze Freire Monterroyo Mascarenhas.*

uma Os Encantos de Medeia, Palmaril e Oliva, e outra de capa e espada, em que se faça eleição, e as duas acima se obriga a fazê-las com todos os passos, sem faltar a êles, e faltando esta Irmandade e Mesa lhe diminuirão o que lhe parecer, e se ajustou dar-lhe vinte moedas e meia de 400800 cada uma, e que esta Mesa lhe fará somente o tabulado que pertencer de madeira e nada mais, e que se fizesse somente a procissão com a Senhora e com suas irmandades e andores».

Para o que se mandou chamar o autor delas, diz acima a informação da Mesa. Melhor diria, o encarregado de as levar à scena, visto que o autor da célebre comédia *Os Encantos de Medeia* era o conhecido escritor dramático António José da Silva, o «Judeu». Foi representada a primeira vez no Teatro do Bairro Alto, de Lisboa, em Maio de 1735, e várias vezes em Guimarães, pelo intenso agrado que despertava nas plateias populares.

Também se representou algumas vezes em Guimarães, por esta época, a ópera a que chamavam somente *Alecrim e Mangerona* e era intitulada *Guerras do Alecrim e Mangerona*, do mesmo autor António José da Silva.

A popularidade das suas peças vem da exactidão graciosa com que representava os costumes da sociedade portuguesa na primeira metade do século XVIII.

Da ópera *Palmaril e Oliva*, não encontramos referência nos repertórios do teatro português.

— Em 1754 os devotos de N. S.^a concorrem com duas comédias, mandando a Irmandade fazer o tabulado.

— A 22-6-1754 a Mesa da Irmandade de N. S.^a da Oliveira delibera mandar fazer no dia 15 de Agosto dois bailes, sendo o de *D. Afonso Henriques*, «quando a Senhora nêle fêz o milagre» e o de *Daniel no Lago*; e logo postos a lanços, a que concorreram o P.^e Jerónimo José de Almeida e António Dias, foram entregues a êste por 2400000 réis (1).

Estes bailes, pela descrição e pelo seu elevado

(1) Efeméride de J. Lopes de Faria.

preço, devem ser nem mais menos do que dois autos de figurantes apoteóticos.

— «Em 18-3-1758 a Mesa delibera festejar o dia da Senhora com duas óperas e um baile; e por ter notícia que António Dias, desta vila, tinha a cópia da 2.^a e 3.^a partes dos «Encantos de Medeia», mandaram se lhe desse parte para vir a esta Mesa, e ao P.^e Jerónimo Caetano, por serem os dois beneméritos que há nesta vila para as fazerem, e sendo a isto satisfeito appareceu nesta Mesa o dito António Dias, e sendo-lhe proposto o referido, disse se obrigava a fazer as ditas duas óperas e um baile e a pôr todo o tabulado corrente na forma do risco que apresentou, tudo em preço de 80 moedas de ouro...».

Por esta altura ainda Guimarães não possuía nenhum recinto vedado e próprio, onde representasse as suas óperas e comédias (1).

Vinha constantemente, como se vê, para os sobrados públicos, ao ar livre.

O que já tinha era vários empresários, com recrutadas gentes e aprestos próprios, como se depreende dos concursos abertos pelas Mesas de N. S.^a da Oliveira.

Nos conventos e mosteiros eram permitidas as representações hieráticas. As lendas hagiográficas eram dramatizadas e postas em Autos, numa respeitosa elevação ao divino e representadas docemente e com assinalado relêvo pelas freiras.

O nosso convento de Santa Clara gozou-se da graça franca dêsses favoritos divertimentos scénicos, que eram, depois dos outeiros, aqueles que mais calhavam à sua desenvoltura e espevitado luxo cobiçoso.

No Mosteiro de Santa Clara eram ruídosamente festejadas as eleições das preladadas. Não faltavam por essas ocasiões os bailes e comédias, os motes e glosas, mas tudo se fazia com muita decência.

Assim no-lo diz o Abade de Tagilde (2).

(1) Em fins do século XVI, já Lisboa dava as suas representações nas casas de espectáculos — Páteo das Arcas e Teatro da Mouraria, também conhecido pelo Páteo da Bitesga.

(2) «Revista de Guimarães», vol. X, pág. 8.

Nem sempre com a desejada decência essas festas se realizavam, porquanto em 2 de Dezembro de 1758 o Arcebispo, tendo muitas queixas de que as freiras de Santa Clara de Guimarães costumavam pela festa do Natal gastar a maior parte do tempo a fazer doces e a fazer várias danças e entremezes profanos, de que tinha resultado grande relaxação da modéstia regular, ordena-lhes se abstenham de fazer todo o género de doces e menos lhes consente fazer bailes ou entremezes e músicas profanas.

Em fins do séc. XVII até princípios do séc. XVIII, é que começaram a vir até nós algumas companhias ambulantes espanholas, que andavam espalhadas pelo País, numa desenvolvida correria de saltimbancos, a desempenhar peças de capa e espada e comédias bizarras ao gôsto popular.

— No ano de 1618, no domingo 12 de Agôsto, da parte de tarde, por ocasião da festividade de N. S.^a da Oliveira e depois dos vários divertimentos, touradas e sortilhas, que se realizaram na véspera, «houve comédia pública de castelhanos na Praça e à noite encamisada de tochas a caçalo, com tambores, anafis, atabales, charamelas e trombetas que tocavam os estrangeiros espantosamente e todos estes instrumentos andaram em todo o decurso das festas sem faltar ponto» (1).

— Na quinta-feira de tarde, depois das corridas de lança à gineta entre dois cavaleiros, um de Basto outro de Ponte do Lima, houve também comédia de castelhanos na praça (2).

Em 1679 ainda os bandos galegos se esparralhavam por esta terra, como se esclarece pela letra resumida do seguinte contrato:

Estando nesta vila de Guimarães, Fulgêncio Lopes e sua mulher Antónia M.^{es}, espanhóis, foram contratados por Jorge Lobato da Cruz, procurador bastante

(1) *Excumações do Passado*, pelo P.^o Alberto Gonçalves, no «Notícias de Guimarães» de 23-2-1936.

(2) *Idem*, *idem*, *idem*, jornal de 1-3-1936.

de João de Espanha, «que ora se quer fazer autor de uma companhia das que andam representando neste reino». Fulgêncio Lopes iria, mediante ajuste, para primeiro galã da dita companhia de João de Espanha, e sua mulher para quarta dama. O contratante obrigou-se a dar 200 patacas à companhia de que aqueles comediantes faziam parte, quantia que elles deviam à data do contrato (1).

Os primitivos comediantes, quando faziam parte da massa popular e ignorante, eram olhados assim um pouco de chacota.

Mais de curiosos se apelidavam, do que pròpriamente com a chancela profissional, aqueles que saídos do povo se sentiam fadados, por temperamento, para a arte de fazer rir.

E recatavam-se, encolhiam-se na modéstia da sua profissão de comediantes. Tímidos, talvez pela lembrança recordada pelos avós, quando diziam que noutros países os jograis, saltimbancos e actores, eram excomungados enquanto exerciam a sua profissão (2).

Por qualquer destas razões é que a nossa terra não pode incorporar os nomes dos divinos cultores daquela arte, que deviam ser na totalidade de escala humilde, sem a escola prática do exercício e sòmente de vontade cheios por amor da distracção e do passatempo.

Um nome, porém, se arrogou a vaidade de declarar público e raso, em letra tabeliõa — *Domingos Teixeira, morador na Cruz da Pedra, tecelão e comediante*.

Ora aqui temos uma personagem rara dentro do campo scénico da Guimarães dos princípios do século XVIII (3).

Festas importantes de declamação e representação

(1) Resumo do contrato feito aos 29 dias do mês de Novembro de 1679 pelo tabelião Nicolau de Abreu. — Inf. de J. Lopes de Faria.

(2) *Gil Vicente e as Origens do Teatro Nacional*, por Teófilo Braga, pág. 9.

(3) Esta personagem serviu de testemunha na compra de uma casa, em 20-12-1705. (Nota de Brás Lopes, a fôlhas 137 v.). — Inf. de J. Lopes de Faria.

se deviam ter desfiado outrora pelos salões da Academia Vimaranesense.

Era um instituto de recreio e de subida erudição, onde a mocidade e o talento se divertiam e desempoeiravam, em torneios métricos e passatempos de outeiros movimentados e alegres.

.....
 Quanto do Augusto irmão vos deve o Nome,
 Guimaraens não he muito, feliz deua ;
 Que tambem o theatro participa
 Da gloria, que a figura representa.
 E praza a Deos, Senhor, que sejam sempre
 Estas anniversarias Academias
 Com a vossa assistencia repetidas
 Da Magestade á vida, como eternas. (1)

Em Dezembro de 1746 projectou ella fazer várias representações, quando da visita a Guimarães do Sereníssimo Senhor D. José, Arcebispo e Senhor de Braga, etc. :

« Isto basta, no que toca aos exercícos da pessoa de Sua Alteza, porque no que respeita aos festejos públicos, além dos mencionados, como se insinuou que Sua Alteza não gostaria de comédias, bailes, loas nem óperas, que se intentavam fazer, se terminaram por ora os festejos públicos com o vistoso obséquio de três dias de cavalhadas, etc.
 Correram-se também por esta ocasião alcanzias, frangos, patos e contoadas, e em cada qual destas galhardas ostentações do brio se mostraram igualmente bizarros os cavaleiros, etc. » (2).

Nas Universidades e nos Colégios, as representações cómicas e as paradas teatraes estudantescas, constituíam igualmente um passatempo escolar, desopilante para os temperamentos de fogosa arremetida e travessura endiabrada dos briosos rapazes.

Pelas festas solenes do anno e dias de consagrado

(1) *Guimaraens Agradecido*, parte 2.^a, pág. 187.

(2) *Idem*, parte 1.^a, pág. 16 e 17 da «Breve Narração».

regosijo, os estudantes de várias Universidades e estabelecimentos de ensino superior saíam para a rua com grandes discursos e declamações públicas (1).

Escreventes e estudantes achavam-se irmanados sob o mesmo patrono S. Nicolau, cuja festa celebravam representando o Mistério dos três estudantes assassinados por um estalajadeiro e ressuscitados pelo Santo. Era êste o argumento dos moços de estudo, a que alude Camões, e o objecto da *dansa de S. Nicolao*, a que se refere sarcásticamente Rezende (2).

Na *Visita da Provincia de Portugal, de 1610*, pelo P.^e João Alvares, estabelece-se: *Nenhum estudante*, sob pena de ser castigado e lançado dos Estudos, *entre em farças*, ou se vista de mulher para qualquer fim que fôr (3).

D. João VI deferiu uma petição dos estudantes de Guimarães, concedendo-lhes licença para se mascararem no dia 18 de Dezembro de 1822, levantarem a sua bandeira no Toural, havendo foguetes e repiques, iluminando-se parte da vila, recitando-se versos e saindo uma *encamisada*.

Nos dias 12 e 13 de Janeiro de 1823 os estudantes saíram mascarados com uma brilhante dança, acompanhando um carro com o retrato de D. João VI e cantando o hino constitucional.

No dia 13 de Maio de 1824 representaram os estudantes uma peça intitulada D. José II.

Quantas representações hieráticas ou declamações festivas se teriam feito nas antigas escolas académicas do Convento da Costa, escolas de filosofia e humanidades de N. S.^a da Oliveira e Colégio de S. Dâmaso!...

(1) Talvez possamos encontrar neste inveterado costume das Universidades de Salamanca (1538) e de Coimbra (1548) a influência germinadora dos bandos escolásticos da nossa briosa academia de Guimarães.

(2) *Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro Nacional*, por Teófilo Braga, pág. 309 a 313.

Talvez outra influência despertadora, a nosso ver, das danças ruidosas e espaventosamente mascaradas das festas Nicolinas.

(3) *Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro Nacional*, por Teófilo Braga, pág. 382.

Os velhos festejos a S. Nicolau, que deviam ter o seu início na escola académica do Convento da Costa, aí por 1541, segundo aventam alguns, ou em 1662, segundo a opinião de João Meira ⁽¹⁾, são já uma parada demonstrativa de representação cômica, nos aparatos dos seus diversos números de programa.

Bailes e representações em casas fidalgas:

Mais tarde, pelo girar dos tempos, melhoraram as condições de vida do teatro português.

Criaram-se outras escolas e outras melhorias de carpintearagens dramáticas. Os talentos de produção acomodaram-se ao evolucionar das tradições e ao gôsto geral que mais cocegava as tendências inclinadoras do povo.

E assim foi sempre, de resto, em todos os campos da actividade artística, que se espraiam livremente ao cultivo progressivo das gerações e das idades.

O teatro sofreu através dos tempos diversas mutações e divide-se em várias gamas de artístico arranjo e engenho, mas não é para aqui o seu desenvolvimento minucioso, nem tampouco para as nossas molengas fôrças.

Principiam agora, entre nós, as casas de espectáculos a erguer os seus pilares de barrotes. Em comêço, são uns barracões de fôrro-e-meio, com cômodos de modesta e desconfortável servidão.

Criaram-se necessidades, a vila foi prosperando e ensaiando os seus passos para mais largos horizontes, e então já se adaptavam prédios regulares à função teatral, e outros se erguiam, à medida dos recursos e possibilidades da terra.

Começou o movimento scénico de portas adentro.

Por esta altura desenvolveu-se também o teatro aristocrático, que em alta escala e com soberano apur-

(1) «Quanto à origem obscura das festas a nossa opinião é que elas não são anteriores à fundação da confraria de S. Nicolau, em 1662, pelos estudantes.» — («Independente» n.º 210 de 1905).

mo e luxo arrogoso, se representava nas casas solarengas e brasonadas dos nobres e dos fidalgos.

Com estes divertimentos scénicos das casas titulares e morgadias, casavam-se à maravilha os bailes e saraus de arte, que eram rematados pragmáticamente com os pantagruélicos banquetes ou serviços custosos de beberetes e chás.

As datas festivas do reino, com que a fidalguia e os magnates chefes políticos se regosijavam, pelos seus ideais e obediência partidária, as coroações régias, os casamentos e nascimentos principescos, tinham também, e usualmente, a demonstração de viva simpatia nos fastosos bailes e aiacres demonstrações scénicas, que em seus palacetes, ricamente armados e iluminados, davam uns e outros, numa rivalidade de credos ou numa senha aprumada de poderio e autoridade, quando no destaque das suas prerogativas de mando.

As fardas esticavam-se nos corpos pelo inchamento impávido da importância senhorial.

As comendas perfilavam-se nos peitos.

Os cavalheiros convidados aprumavam-se naquela linha de subida respeitabilidade cortês, que se adquire de pequenino, ao contacto calorento da linhagem familiar. As Senhoras, donas por excelência, abriam o seu sorriso na correcção das maneiras e na polidez das conversas, e os seus modos, as suas atitudes, as suas danças, os seus vestuários, a sua airocidade no conjunto vivo e animado da figura tôda, irrepreensível e rítmica de tons e de contrastes graciosos e mimalhos, tinham a marcação acentuada do cuidado educativo, do recato e moderação dum viver caseiro muito honesto e vígiado.

Eram assim as famílias fidalgas vimaranenses, e assim se divertiam consoante as suas posições e conforme a sua influência mandatária no concôrto político da localidade, onde as intrigas de partidos se fomentavam e cresciam por vezes numa luta de raivices vaidosas e de furores irreconciliáveis.

Eram caprichosos dos seus títulos e dos seus ideais, e viviam completamente destacados e separados os grupos políticos, numa guerra surda de perseguições.

Os fidalgos nesta terra estavam cheios de graças e mercês palatinas.

Dum lado estavam os Miguelistas, grupo forte no qual assentavam praça os mais aguerridos fidalgos e nobres da vila.

Do outro, os Liberais, grupo acrescido no seio das classes populares.

Quebravam-se lanças pelos partidos e as relações e amizades familiares só se cimentavam quando o pensamento político dos seus chefes se entendesse.

Nas casas nobres de Guimarães deram-se bailes que para bem longe sopraram a sua fama.

Tinham os bailados a riqueza dos convivas no luxo das suas vestimentas.

Os cantos e as declamações poéticas gorgolejavam nas gargantas de cisne das damas, tôdas enroscadas de serpentes de pedrarias, ou nas gargantas de prata dos menestres irrepreensíveis e coados.

Os salões ecoavam abafadamente as harmonias musicais, as gargalhadas satisfeitas dos assistentes e elegiam e palmeavam aqueles que com mais esperanças se destacassem na doçura estética dos versos bem recitados e com mais personalidade se integrassem nas representações melodramáticas.

O amor dos fidalgos nubentes queimava-se por ali, no rebrilho das pedrarias caras e na luz dos olhos tímidos das fidalguinhas de um brunido pálido, tôdas enchumaçadas de saias roçagantes e vistosas.

O gôsto dramático era o que mais apetecia e o que mais se ligava com o romanticismo deliquioso das meninas aristocráticas.

As fidalguinhas, de preferência, gostavam dos papéis que mais directamente fôsem de flecha ao seu coração enternecido, daqueles papéis que em scena se derretem em doçuras de paixão, nuns peneirados tremeliques com os galãs seus parentes de linhagem e sangue castiço.

Guimarães soube brilhar e distinguir-se, noutras eras, e nas várias manifestações da actividade social, colectiva e da cultura literária.

Soube mesmo divertir-se, quer no arranjo e na beleza das suas festas públicas, quer na sociabilidade familiar das suas reuniões, onde pontificava sempre a distinção dos passatempos e onde se davam as mãos e os abraços aqueles que da vida faziam um culto de

graça e boas maneiras, para regalo das íntimas convívências.

E tanto é assim, que um jornal de 1857, em declamação pública, bradava :

Guimarães ! Já faz gosto ser teu filho,
jornais, teatros, bailes, tudo é brilho. (1)

Dois anos volvidos, o mesmo jornal, com satisfação, observava :

Segunda côrte — E' a figura que está fazendo Guimarães. Jantares, bailes, sarões, teatros... Faltam-lhe os touros, etc. (2)

Não se matava o tempo pelos cafés, não havia agremiações de recreio e jogatina, não havia a facilidade volante dos meios de viação, para jornadas de prazer e passeios de folgança, não havia enfim tôda esta rêde formidanda de inventos e comodidades século XX, que deslumbram o espírito, afagam o corpo e enchem de pasmo o pensamento humano.

De modo que cada casa tinha uma lareira, onde presidia a tradição e adejavam as lendas, os contos e os cantos, ao correr feliz das conversas mimosas e gargalhadas. Cada palacete tinha um salão de festas, onde se expandiam as alegrias, os regosijos, as felicidades e as destacadas vocações, sempre palmeadas no rodeio dos ambientes todos harmoniosos de graça e luxo, que mais penetrante estímulo davam às almas, postas ali no derriço das passagens mais cómicas ou no lamento das scenas mais dramáticas.

Em 26 de Janeiro de 1822 houve grande baile na Casa de Vila Pouca e teatro com entrada grátis, por ser aniversário da instalação das Côrtes em Lisboa.

Os cronistas românticos e enamorados, cheios de ardor e de etiquetas, filhos da alta roda vimaranense,

(1) Do Bando do Carnaval, recitado no dia 1-1-1857, e feito por A. J. O. Cardoso. — «A Tesoura de Guimarães», n.º 47 de Fevereiro de 1857.

(2) «A Tesoura de Guimarães», n.º 234 de 1859.

espraiavam-se em prosa dúctil de cera morna de favo pelas colunas dos semanários da terra, quando faziam a descrição dos bailes mais inchados e ricos. Derretiam-se em cortesias de elogio e a prosa saía adamada, doce como as iguarias dos conventos, fresca como a frescura do mimoso acetinado dos colos desnudos, e alindada de imagens como os rebiques das rendas que enfolhavam os vestidos de preço, onde jóias raras poisavam o seu brilho como ovinhas de pardejos em ninhos de fofas penas.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.